

O IMPACTO DE UMA *PHYSIS* FENOMENOLÓGICA NA SEMIÓTICA

Moisés de Lemos Martins
Universidade do Minho

Depois de nos anos sessenta e setenta, Greimas e a escola de Paris terem fixado a semiótica no terreno semântico de um imanentismo fechado, irrompe na semiótica um fisicismo do sentido, com a morfodinâmica e a morfogénese de Jean Petitot e de Per Aage Brandt, ambos na esteira da teoria das catástrofes de René Thom, a concretizarem uma abertura estética do imanentismo. A atenção prestada ao sensível e ao dinâmico nesta física do sentido propõe-se como um lugar de travessia, que nos dá o percurso a fazer entre o discurso e a natureza.

Nesta comunicação, é meu propósito dar conta do impacto que tem na semiótica a irrupção desta *physis* fenomenológica.

1. Nesta comunicação, é meu propósito dar conta do impacto que tem na semiótica aquilo que a que chamo a irrupção de uma *physis* fenomenológica, quero dizer, uma abertura do imanentismo fechado em que, nos anos sessenta e setenta do século XX, Greimas e a Escola de Paris haviam fixado a semiótica. Esta abertura fenomenológica significa a irrupção na semiótica de uma física do sentido. Esse fisicismo propõe-se, por sua vez, como um lugar de travessia, que nos dá o percurso a fazer entre o discurso e a natureza, através da atenção prestada ao sensível e ao dinâmico. São, com efeito, a morfodinâmica e a morfogénese de Jean Petitot e de Per Aage Brandt, ambos na continuação da teoria das catástrofes de René Thom, os principais lugares de concretização desta abertura estética, ou seja, desta abertura sensível, do imanentismo.

Tem-se insistido em devolver a comunicação às ciências sociais. Vimos, aliás, o Ministro Mariano Gago, no quadro dos trabalhos deste Congresso, salientar o facto de a compreensão e a explicação dos fenómenos comunicacionais ocorrerem sobretudo no regime do olhar das ciências sociais. E a mesma coisa se passa com o sentido, que constitui o objecto da semiótica, sendo esta uma das ciências da comunicação. Dir-se-ia, neste entendimento, que as condições de produção e de circulação do sentido também deveriam ser esclarecidas pelas ciências sociais.

A morfodinâmica e a morfogénese constituem, todavia, um movimento na semiótica que vai a contracorrente das ciências sociais. Do que se trata nesta física do sentido é de potenciar a ideia de que o sentido é natural e de que a natureza se exprime morfologicamente. A novidade não está em as ciências sociais poderem fazer uso de

metáforas geológicas ou telúricas. Novo verdadeiramente é o facto de o sentido poder ser formulado, hoje, no quadro de uma teoria das catástrofes, ou seja, no quadro de uma teoria geral das formas, sejam linguísticas, sejam naturais.

2. Todos aqueles que trabalham nas ciências sociais e humanas fomos um dia confrontados com uma viragem na filosofia e na teoria social. Refiro-me ao *linguistic turn*. Essa viragem linguística, se a encararmos numa acepção rortyana, que é depois retomada por Giddens, entre muitos outros, situa-se nos anos oitenta e aparece no contexto anglo-saxónico da viragem hermenêutica da pragmática, em clara ruptura com o estruturalismo de incidência francesa. Tomando as palavras de Giddens, o *linguistic turn* é “a crítica da linguística estrutural como processo de análise da própria linguagem e a avaliação crítica da importação de noções tomadas da linguística por outras áreas de explicação do comportamento humano” (Giddens, 1990: 259).

Ora bem, nos últimos anos, autores há que referem uma outra viragem, uma viragem morfodinâmica e morfogenética da semiótica (Mourão, 1999 a). Neste caso, não há rompimento com o estruturalismo. Há sim prolongamento, e mesmo refundação. Por outras palavras, a semiótica da primeira geração, uma tradição que compreende a narratologia clássica de Barthes e Todorov e a semântica estrutural de Greimas e da escola de Paris, dos anos sessenta e setenta, ver-se-ia refundada por uma semiótica de segunda geração, a saber, pela morfodinâmica e pela morfogénese de Jean Petitot e de Per Aage Brandt, que continuam ambos na esteira a teoria das catástrofes de René Thom, uma teoria geral das formas, tanto linguísticas, como naturais (Ibid.: 4-7)¹.

Não entrando em contradição com o estruturalismo, a morfodinâmica e a morfogénese situam-se no mesmo terreno do imanentismo semântico, deslocando-o todavia no sentido de uma abertura, a que a primeira geração da semiótica teria sido refractária². A morfogénese permite a distribuição da semântica pelas formas físicas. Por sua vez, a morfodinâmica articula os mundos socio-físico, epistémico, discursivo e axiológico (o mundo dos objectos-valor). Greimas e a escola de Paris, do tempo da *Sémantique structurale* (1966), e ainda do *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1979), haviam tratado as instâncias *a quo* e *ad quem* da significação. Tais instâncias teriam concretizado um imanentismo fechado, entre os *terminus a quo* e *ad quem* de um percurso significativo em que a enunciação seria pressuposta, no princípio e no fim de um dispositivo textual. A instância *per quem* da significação, para que remete a nova proposta semiótica, apresenta-se como um “um lugar de travessia”, um lugar móvel, que nos dá conta do percurso a fazer entre o discurso e a natureza (Mourão, 1999 a: 36). Ou seja, a instância *per quem* constitui o lugar de abertura a uma “*physis*” fenomenológica, um lugar que nos dá conta da “boa distância” a que nos encontramos do real (Ibidem). Podemos precisar melhor esta relação entre o discurso e a natureza com as seguintes palavras de Per Aage Brandt (1994: 3): “os significados dos nossos significantes de modo nenhum significam representações de estados de coisas, mas antes representações que incidem sobre as propriedades dinâmicas da estrutura destes estados de coisas”³.

Dizia Benveniste que a realidade é aquilo que falta à linguagem, sendo que “algo corresponde àquilo que é enunciado, algo e não ‘nada’” (Benveniste, 1966: 85). Ora, a viragem morfodinâmica e morfogenética da semiótica diz-nos que a matéria se exprime morfologicamente. Com esta viragem, dar-se-ia o regresso a um “vitalismo

substancialista” (Mourão, 1999 c: 52), retomando nós a tradição metafísica, a tradição de uma “ontologia qualitativa” (Ibid., 1996: 47). José Augusto Mourão chega mesmo a falar do regresso a uma “inteligência artificial” (Mourão, 1999 c: 52), embora um tal propósito me pareça paradoxal, dado que a arquitectónica da sua proposta visa impor a ideia da naturalidade do sentido, a ideia de que há uma naturalidade comum à naturalidade da língua e à naturalidade do mundo, a saber, a ideia de que o mundo projectado é um correlato objectivo para a linguagem (Mourão, 1999 a: 19; 1999 c: 54)⁴.

3. Esta viragem morfodinâmica e morfogenética da semiótica, que se inspira em Thom, e é proposta por Petitot e Per Aage Brandt, é seguida entre nós, com grande entusiasmo, por José Augusto Mourão. Será trazendo a juízo as suas opções teórico-metodológicas que eu avançarei no meu propósito. Em José Augusto Mourão, esta viragem morfodinâmica e morfogenética concretiza-se numa viragem estética, devendo entender-se por tal viragem o transporte da semiótica para as bandas de um sujeito emotivo e apaixonado, com os actos de enunciação a configurarem a presença sensível do sujeito ao outro e ao mundo. E de tal maneira José Augusto Mourão se deixa arrebatado por este entusiasmo estético que a sua proposta semiótica sofre um visível embaraço. Diz assim: “o discurso semiótico é um discurso de conhecimento que está mais próximo do discurso estético do que do discurso da ciência, predicativo, alético” (Mourão, 1999 a: 37). E acrescenta, noutro passo: o discurso semiótico “reactualiza a presença fenomenológica do sujeito na língua” (Ibid.: 3).

Por um momento, fico a pensar no regresso da metafísica, no regresso da presença plena do ser à linguagem, a que o linguistic turn parecia ter posto um termo definitivo. Mas a surpresa cresce em mim ao lembrar-me que José Augusto Mourão é um tenaz cultor do método, do “saber-fazer” semiótico, entendido na óptica generativa da produção e do funcionamento dos textos (Mourão, 1998: 93-94). O próprio José Augusto Mourão vacila sobre a proposta que nos faz. Escreve então: “A semiótica visa fundamentalmente a construção de uma teoria categórico-conceptual. Aquilo que sempre reclamou foi a coerência interna como critério de verdade” (Mourão, 1999 a: 3).

Esta proposta de um transporte estético da semiótica só é, todavia, verdadeiramente surpreendente em José Augusto Mourão, se o quisermos fixar nos ásperos e rugosos escritos que talhou com o bisturi da Escola de Paris, e que hoje são envolvidos pela densa teia das estruturas logico-semióticas de Petitot e das formas semio-físicas de Brandt. Aí, é um facto, penso que José Augusto Mourão chega a ser labiríntico⁵.

A prática semiótica de José Augusto Mourão sempre resultou, todavia, de uma dupla sedução: a sedução pelo método, e também a sedução por aquilo que não se deixa controlar. Em José Augusto Mourão, com efeito, o algoritmo sempre se casou com a metáfora, o discurso vigiado sempre andou a par com o seu resto⁶. Num texto que constitui a sua lição de Agregação, deparamos logo na abertura, em epígrafe, com várias referências: a Lévi-Strauss, a Pierre Ouellet, a Hilary Putnam, a Goodman. Todas abonam num mesmo sentido, o do alcance ontológico do pensamento. O mote fica assim dado para a proposta que se segue de uma semiótica declaradamente inspirada na filosofia da natureza, cuja justificação última, a levarmos a sério as palavras de René Thom, está “no prazer que experimentamos a tornar o mundo intelegível”

e cuja função original é a de atribuir à teoria da analogia a inteligibilidade do real (Thom, 1988: 135).

Dizia Jean-Paul Sartre que a ciência se contenta em ter modelos, que ela não atinge o ser. O que corresponde à ideia de Heidegger (1954: 157) de que “a ciência não pensa”, logo acrescentando, “não é essa aliás a sua função”. Mas nem Sartre, nem Heidegger constituem referências no trabalho de José Augusto Mourão. Referência poderia ser hoje, por exemplo, Konrad Lorenz no seu discurso Nobel: “Toda a analogia — na medida em que é semanticamente aceitável — é verdadeira” (Lorenz, apud Thom, 1988: 134). Neste sentido, desde que seja possível caracterizar um certo tipo de analogia, temos no esquema matemático correspondente um elemento quase platónico de verdade. E desde que possamos interpretar estes esquemas relacionais como factores de ligação das entidades de um abstracto subjacente, aí temos nós constituída a ontologia. A figura da analogia autoriza, de alguma maneira, a saída do universo puramente conceptual da filosofia e da matemática para entrar num universo concreto de formas espaciais existentes. E é isso o que faz José Augusto Mourão na sua proposta semiótica, ao evacuar da significação a interioridade subjectiva, colocando em seu lugar esquemas de interacção de natureza algébrico-geométrica. Na resistência que o ser exterior oferece à acção vai José Augusto Mourão procurar fundá-lo de maneira última.

4. Podemos entender esta prática semiótica como um modo qualitativo de uso da teoria das catástrofes. De acordo com esta prática, há para a linguagem estruturas subjacentes, ou seja, formas e qualidades que são independentes de nós. Neste sentido, e no seguimento da tese de Petitot, diz José Augusto Mourão (1999 c: 56) que os actos mentais representam o exterior a partir de uma “*physis*” subjacente. O mundo é, com efeito, projectado pela estrutura conceptual, constituindo deste modo um correlato objectivo para a linguagem⁷. Exemplificando, é possível dizer que as esquematizações, ou por outra, as estruturas conceptuais em que consistem o quadro semiótico e o modelo actancial não são apenas realizações de catástrofes elementares. Mais do que isso, pretendem fornecer modelos conformes “às próprias coisas” (Petitot, 1994: 8).

É conhecida em José Augusto Mourão a recusa do abandono dos critérios de juízo último. Não lhe agrada o assalto da pós-modernidade, seja com a desconstrução de Derrida, que radicaliza a ‘*Destruction*’ de Heidegger e nos instala num paganismo sofista, seja com a pragmática de Rorty, que radicaliza o perspectivismo de Nietzsche e nos leva a pensar sem origem e sem fim, sem Génesis e sem Apocalipse⁸. José Augusto Mourão vem da tradição imanentista da escola de Paris, um lugar áspero e rugoso da semiótica, que analisa a produção e o funcionamento dos textos numa óptica generativa. Discurso do método, o discurso imanentista é contraposto ao discurso da “sedução” pós-moderna, que é um discurso fascinado pelo carácter inefável da ‘coisa literária’, um discurso abrigado debaixo do chapéu da “nebulosa místico-esotérica da contemporaneidade, que tudo mistura, tudo dissemina, tudo confunde” (Mourão 1999 c: 42).

Embora lhe desagrade este discurso sedutor, pelo indiferentismo aonde desemboca, José Augusto Mourão não deixa de se confrontar com “a sina pós-moderna”, que é não só a do “regresso da intuição”, uma apreensão global e imediata do fenómeno,

mas também a do “regresso do sujeito avaliador, perceptivo”, o regresso da sensibilidade e da “sereia estética”, como diz numa convocação de Herman Parret (Ibidem)⁹. Numa palavra, José Augusto Mourão confronta-se com o regresso do cognitivo, sob as espécies do epistémico, do modal, do estético e do fenomenológico.

Recuperando o fenomenológico, e admitindo que a semiótica possa ser por ele contaminada, José Augusto Mourão acaba todavia por recusar as ciências cognitivas. Adota de Kerbrat-Orecchioni e de Coquet o conceito de “ imanentismo aberto”¹⁰ e faz sua a categorização de Anscombe que, na representação do sentido, distingue a atitude de simulação (ou formalizadora) da atitude reducionista (Ibid.: 46). Convencido de que a atitude de simulação é analógica e criativa, sendo simplificadora e imitativa a atitude reducionista, José Augusto Mourão assume a simulação como a atitude própria do seu método. A sua semiótica caracteriza-se, então, pela construção de uma linguagem, geralmente lógica, que permite estudar os fenómenos do sentido através de uma estrutura profunda, e não já directamente pela estrutura de superfície.

O método das ciências cognitivas, pelo contrário, em vez de se apoiar em hipóteses de simulação, formalizadoras, que estabeleçam uma relação de analogia com o real, assenta em hipóteses reducionistas, que simplificam a realidade. Vejam-se os casos de Guillaume, no passado, e do seu discípulo André Joly, no presente. A psicomecânica de ambos é psíquica, o que quer dizer que o funcionamento semântico das suas hipóteses é reducionista, decorrendo directamente do funcionamento da neuropsicologia humana.

5. Gostaria neste passo de interrogar a opção de José Augusto Mourão pelos procedimentos formalizadores, que classifica como analógicos, e cujo funcionamento semântico assenta em hipóteses de simulação. Pessoalmente, não tenho em grande conta a algebrização do mundo. Acho-a mesmo mais reducionista da complexidade humana do que a atitude sociológica e antropológica, tão temida por José Augusto Mourão¹¹, mas que é a minha. A indagação do sentido faço-a, com efeito, na base de hipóteses de redução da semântica a disciplinas não linguísticas, no caso à sociologia e à antropologia, para retomar a categorização de Anscombe. Pode aplicar-se-me assim a observação que José Augusto Mourão faz sobre o método de Pierre Bourdieu. Em *Ce que parler veut dire*, Bourdieu critica Austin por tratar a performatividade como um fenómeno linguístico, e não sociológico (Mourão, 1999 c: 47). Embora neste caso me pareça que José Mourão faz justiça à atitude sociológica, identificado-a, já me não parece que acerte ao colar-lhe o labéu de reducionista (Ibid.: 58). Na minha qualidade de sociólogo, também acho necessário que a linguagem da ciência se interesse pela ancoragem do discurso na experiência fenomenológica do sujeito.

É verdade que José Augusto Mourão se insurge igualmente contra “o imanentismo radical” (Mourão, 1999 c: 45), contra a redução da semântica a uma disciplina linguística, no caso à sintaxe. A língua assim definida, diz, é um mero regime de diferenças, é uma simples “forma, malha de relações, e não substância” (Ibid.: 48). Fico todavia em dúvida sobre o seu real distanciamento do imanentismo que abjurga. A todo o momento, por exemplo, vemo-lo oscilar no juízo que faz de Greimas e da escola de Paris. Retomo um dos seus textos. Era já notório nos anos sessenta, escreve José Augusto Mourão (1999 a: 7), “que faltavam ao projecto teórico de Greimas os

meios para passar de uma representação estática e lógica das estruturas a uma representação dinâmica e topológica”. Vem depois a hesitação. Remetendo para um artigo que Greimas publicou em 1963¹², lembra José Augusto Mourão que há pontos comuns entre a semiótica generativa e a física do sentido de Petitot (Ibid.: 20), e logo conclui que “Greimas pratica já desde essa altura uma interpretação morfogénica do quadrado semiótico” (Ibid.: 21). E mais à frente (Ibid.: 36), de novo um passo atrás: a narratologia clássica havia congelado o movimento e o transporte estético; é a morfogénese que torna possível a viragem estética por que passa Greimas nos anos oitenta, designadamente com a publicação da obra *De l'imperfection* (1987). Dir-se-ia que, desta feita, teríamos finalmente uma palavra definitiva de José Augusto Mourão sobre a semiótica generativa. Mas não me parece ser o caso. Continuando a ouvi-lo, parece que a atenção ao físico, ao sensível, ao dinâmico, desde sempre acompanhou Greimas. A máquina greimasiana do sentido, escreve José Augusto Mourão (Ibid.: 9), “não gripou de todo diante da emergência do novo paradigma do fluxo e das forças”. E de imediato segue, numa nota, o esclarecimento de que Greimas dá ênfase na *Sémantique structurale*, uma obra que data de 1966, à componente sensorial da constituição do sentido (Ibidem).

6. Sobrepujando estas hesitações, persiste, em meu entender, o problema maior de estarmos perante duas distintas concepções de semiótica, à primeira vista antitéticas, e que José Augusto Mourão insiste em conciliar. Toma a semiótica, num caso, como um discurso estético; noutra caso, faz da matemática uma linguagem com valor ontológico. É o problema, já referido, de casar a metáfora com o algoritmo: a estética é um discurso fenomenológico e expressivo; a matemática é um discurso predicativo e alético.

A minha questão é todavia dupla. Por um lado, parece-me problemático que a matemática seja uma linguagem com valor ontológico. Nem sequer os modelos matemáticos, que todavia são uma possibilidade teórica para qualquer ciência, me parecem os mais adequados para a construção, tanto do olhar semiológico, como do olhar sociológico. Por outro lado, lanço a dúvida sobre a ideia da naturalidade do sentido, que constitui o tópico central da proposta semiótica de José Augusto Mourão. Embora a ideia de refundar as ciências do espírito como ciência natural (1999 a: 4) tenha um ar bem moderno, com Thom, Petitot e Brandt, a verdade é que se trata de uma questão muito antiga, que retoma um debate do século XIX. Pessoalmente, permaneço na tradição durkheimiana. Aceito que haja que estudar o social como coisa, mas entendo que a sua explicação é social, e não natural¹³.

Greimas e Thom, e com eles José Augusto Mourão, entendem que a vida e o sentido vão a par, de tal modo que são formados conjuntamente (Ibid.: 7). Concorro com este ponto de vista, se bem que me seja estranha a ideia de uma “física do sentido” (Ibid.: 6). A ideia que privilegio é a de um sentido dialógico. E ao colocar a questão da “semiótica do visível”, entrevejo apenas formas, e não qualquer “substância”, contrariamente ao que chega a ser sugerido por José Augusto Mourão (Ibidem). Confesso, aliás, a minha irredutível dificuldade em falar de substância, quando se trata de ciência¹⁴. Por muito que também não queira abrir mão dos critérios de juízo último, faço minhas as palavras de Deleuze nos *Pourparlers*: “os conceitos remetem para circunstâncias, e não para essências” (Deleuze, 1990: 14-15).

Não me parece, com efeito, que a crítica dialógica, que permite abrir o imanentismo, imponha o regresso da metafísica, o regresso do ser à linguagem como presença plena. À crítica dialógica basta-lhe, ao que penso, a nossa experiência da tensão com um outro, o acolhimento dessa alteridade e a possibilitação do novo. A ideia de imanentismo aberto é exactamente isso, o acolhimento no presente de um outro como enigma. Não penso que haja passos a dar no sentido de um outro substancial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDT, Per Aage, 1994, *Dynamiques du sens*, Aarhus University Press.
- BENVENISTE, Emile, 1966, *Problèmes de linguistique générale, I*, Paris, Gallimard.
- DELEUZE, Gilles, 1990, *Pourparlers*, Paris, Minuit.
- DURAND, Jean-Yves, 2001, «Entre sédiments, strates et failles: le 'terrain', une métaphore minée?», in *Ethnologie Française*, n. 31 (1), pp. 127-141.
- GIDDENS, Anthony, 1990, «El estructuralismo, el post-estructuralismo y la producción de la cultura», in *La teoría social hoy*, Madrid, Alianza Universidad, pp. 254-289.
- GREIMAS, Algirdas, 1966, *Sémantique structurale. Recherche et méthode*, Paris, Larousse.
- GREIMAS, Algirdas, 1966, *De l'imperfection*, Paris, Fanlac.
- GREIMAS, Algirdas, e COURTÈS, Jacques, 1979, *Sémiotique — Dictionnaire raisonné de la théorie du langage, I*, Paris, Hachette.
- HEIDEGGER, Martin, 1954, «Was heißt denken?»; «Que veut dire penser?», in *Essais et Conférences*, Paris, Gallimard.
- JACKENDORFF, Ray, 1983, *Semantics and cognition*, Cambridge, MIT Press.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C., 1997, *L'énonciation*, Paris, A. Colin.
- LIVET, Pierre, e OGIEN, Ruwen (Org.), 2000, *L'enquête ontologique du mode d'existence des objets sociaux*, Paris, Édition de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- MARCOS, Isabel Maria, 1996, *Le sens urbain. La morphogenèse et la sémiogenèse de Lisbonne. Une analyse catastrophiste urbaine*, Centre de Recherches Sémiotiques, Universidade de Aarhus (tese de doutoramento, policopiada).
- MARTINS, Moisés de Lemos, 1999, «O enigma do presente e a paixão da abertura. Leitura do ensaio *A Sedução do Real*, de José Augusto Mourão», in *Comunicação e Sociedade*, n. 1, 321-326.
- MOURÃO, José Augusto, 1996, *Sujeito, paixão e discurso. Trabalhos de Jesus*, Lisboa, Vega.
- MOURÃO, José Augusto, 1998, *A sedução do real — Literatura e semiótica*, Lisboa, Vega.
- MOURÃO, José Augusto, 1999 a, *A semiótica na viragem morfodinâmica*, Lição de síntese apresentada para Provas de Agregação na Universidade Nova de Lisboa (policopiada)
- MOURÃO, José Augusto, 1999 b, *Semiótica. Programa e metodologia*, Relatório apresentado para Provas de Agregação na Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- MOURÃO, José Augusto, 1999 c, «Para um imanentismo aberto (o reducionismo solipsista)», in *Comunicação e Sociedade*, n. 1, pp. 41-60.
- PARRET, Herman, 1997, *A estética da comunicação. Além da pragmática*, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- PETITOT, Jean, 1985, *Morphogenèse du sens*, Paris, PUF.
- PETITOT, Jean, 1994, «Avant-propos», in *Sémiotiques*, n. 6/7 («Linguistique cognitive et modèles dynamiques»).
- RADCLIFFE-BROWN, A. R., 1968 [1952], «Sur la structure sociale», in *Structure et fonction dans la société primitive*, Paris, Minuit.
- RICOEUR, Paul, 1970, «Qu'est-ce qu'un texte?», in R. Bubner et al., in *Hermeneutik und Dialektik*, Aufsätze, II, Tübingen, pp. 181-200.
- SPERBER, Dan, 2000, «Outils conceptuels pour une science naturelle de la société et de la culture», in Livet, Pierre, e Ogien, Ruwen (Dir.), *L'enquête ontologique du mode d'existence des objets sociaux*, Paris, Éd. de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 209-230.
- THOM, René, 1988, «La place d'une philosophie de la nature», in *Autrement*, n. 102 («À quoi pensent les philosophes»), pp. 130-136.

- ¹ José Augusto Mourão é há cerca de dez anos professor de semiótica na Universidade Nova de Lisboa. Nas páginas que seguem trago a juízo as suas opções teórico-metodológicas, que desde sempre se situam no terreno da teoria imanentista do sentido. Veja-se o que escreve, a propósito, em *Sujeito, paixão e discurso* (1996: 20): “A semiótica de Greimas é, basicamente, o meu campo de referência dominante, sendo também o que melhor conheço”.
- ² Veja-se, neste sentido, Mourão (1999 c). O próprio título deste artigo, “Para um imanentismo aberto”, não deixa dúvidas sobre os propósitos que animam o seu autor.
- ³ O entendimento morfodinâmico da semiótica desloca, com efeito, o campo da significação da relação entre o sujeito e o mundo, própria da semiótica textual, para o “dinamismo subjacente” que constitui o sentido como coisa natural, e para o “ponto de contacto” entre actantes humanos (Mourão, 1999 a: 33). Este entendimento tem alguma ressonância do cognitivismo de Ray Jackendoff (1983: 23 ss): a referência construída pela actividade linguística não nos fala do “mundo real”; fala-nos sim do “mundo projectado”, que é um mundo construído pela experiência do falante/ouvinte.
- ⁴ Conjugando a teoria da geografia estrutural de Gilles Richot e a morfodinâmica de Per Aage Brandt e de Gaëtan Desmarais, Isabel Marcos secunda José Augusto Mourão na proposta de uma semiótica catastrofista. Entre os seus trabalhos, destaca-se a tese de doutoramento que defendeu na Universidade de Aarhus, na Dinamarca, em 1996, intitulada *Le sens urbain. La morphogenèse et la sémiogenèse de Lisbonne. Une analyse catastrophique urbaine*. Na articulação da forma e do sentido, este estudo prolonga a ideia das estruturas subjacentes ao processo generativo, proposta por Greimas, introduzindo-lhe todavia uma nova dimensão: o modelo teórico utilizado permite mostrar que «as morfologias urbanas são sintácticas pelas suas funções e semânticas pela sua constituição» (Marcos, 1996: 12).
- ⁵ É talvez paradoxal o emprego que aqui faço da figura do labirinto. José Augusto Mourão refere-se-lhe ao denunciar aquilo que Ricoeur classificou um dia como a “ideologia do texto absoluto” (Ricoeur, 1970: 184). A ideia de labirinto, diz Mourão (1996: 40), “recusa a figura da porta, da referência. O jogo substitui o ser: dobrar-se numa pura imanência é maneira sumária de negar qualquer exterioridade”. Veja-se, no entanto, em abono da minha proposta: Mourão (1990 a: 20), e também, Mourão (1996: 55).
- ⁶ Cf., a este propósito, a recensão que fiz ao livro de José Augusto Mourão *A sedução do real* (Martins, 1999).
- ⁷ Sobre esta relação interactiva entre o mundo real e a estrutura conceptual, veja-se Petitot (1985).
- ⁸ José Mourão contraria, de facto, o extremo relativismo da epistemologia bem-pensante contemporânea. À diletante ideia de que é ciência todo o saber organizado e tradicionalmente transmitido numa comunidade humana, José Augusto Mourão contrapõe o critério ético de que a ciência só existe na medida em que a espécie humana toma consciência dela mesma e se dá como finalidade última salvaguardar as possibilidades da aventura humana. Veja-se neste sentido a proposta feita em *A sedução do real* (1998: 67) de uma “ética de leitura”, uma ética que recusa o actual “momento sofista” e “pagão”, uma ética que não se conforma com o “abandono de qualquer prescrição ou de critérios de juízo último”.
- ⁹ É curiosa a expressão “sereia estética”. José Augusto Mourão regista a viragem estética da semiótica, mas não lhe faz grande confiança. Por essa razão, falará também da “contaminação fenomenológica” da semiótica (Mourão, 1999 c: 60). A ideia da “contaminação” sugere uma fatalidade imposta, de que dá conta, e não uma escolha feita em liberdade.
- ¹⁰ O imanentismo aberto “consiste em admitir que é legítimo dar um lugar, no interior da teoria linguística, a determinadas considerações julgadas precedentemente ‘extravagantes’ e que respeitam às condições de produção/recepção da mensagem, bem como à natureza particular do enunciador, do enunciatário e da situação de enunciação” (Mourão, 1999 c: 46).
- ¹¹ Veja-se, por exemplo, Mourão (1999 c: 58).
- ¹² Trata-se de um artigo publicado na revista *L’Homme*. A partir da análise do mito de Édipo, por Lévi-Strauss, Greimas esboça então o “quadrado semiótico”.

¹³ Bem sei dos esforços de Radcliffe-Brown (1968), no passado, e de Dan Sperber (2000), no presente, para fundar uma ciência natural da sociedade e da cultura. Mantenho, todavia, sérias dúvidas sobre o lugar que é dado às coisas naturais numa epistemologia das representações. Pensando especificamente em Dan Sperber, confesso que, numa caracterização do social e da cultura, me parece excessiva a confiança posta na cognição.

¹⁴ A ideia de que o sentido é natural e de que a natureza se exprime morfologicamente não é nova nas ciências sociais e humanas. Sempre estas ciências fizeram uso de metáforas geológicas ou telúricas. Verdadeiramente novo é, todavia, o facto de podermos formular hoje esta questão no quadro da teoria das catástrofes, uma teoria geral das formas, das formas linguísticas e das formas naturais, como já referi.

Fora deste enquadramento teórico, Pierre Livet e Ruwen Ogien (2000) acabam de organizar um estudo colectivo que relança a controvérsia em torno da natureza da realidade social. A essa controvérsia, que se ocupa do “*modo de existência* de certas entidades” e das “relações de *dependência ou de prioridade* entre elas”, dão-lhes estes investigadores um estatuto “metafísico” (*Ibid.*: 7). Em contrapartida, Jean-Yves Durand interroga-se, num artigo recente, entre “sedimentos, estratos e falhas”, se não será o “terreno” (antropológico) uma “metáfora minada” (Durand, 2001). Ao olhar deste antropólogo não escapou a deriva essencialista da metáfora geológica: fundir “o temporal, o telúrico e o identitário” (*Ibid.*: 133).